

Alterações prosódicas na fala disártrica

Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB) | Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB)**
Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)****

Resumo

Neste trabalho, temos como objetivos descrever e analisar o funcionamento da linguagem oral na Disartria, uma patologia de linguagem, com enfoque nas alterações prosódicas da fala disártrica. Para isso, buscamos olhar para a linguagem como algo em construção, uma atividade que está a todo momento em transformação por aqueles que a utilizam como meio de interação, e, principalmente, como instrumento de readaptação ao mundo do qual fazemos parte. Com isso, observamos um tema importante para a compreensão de fenômenos que ocorrem no funcionamento da linguagem disártrica, do sujeito RA, as alterações prosódicas na fala de um sujeito, além de temas chave dentro da Neurolinguística Discursiva (ND). O sujeito em questão, RA, foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permanecendo em coma por 27 dias, devido a um traumatismo craniano, apresentando, com isso, a disartria como seqüela. No que diz respeito aos estudos neurolinguísticos, a ND é um campo recente na Linguística que se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, tendo como objetivo analisar o funcionamento da linguagem de sujeitos que apresentam patologias de linguagem. RA, devido à velocidade de fala, produz um número excessivo de pausas, causando, assim, dificuldades para o interlocutor na compreensão de algumas palavras. No entanto, podemos concluir que apesar de seus limites na fala, RA apresenta autonomia enunciativa, o que significa dizer que os níveis sintático, semântico e pragmático foram afetados na execução, visto que a sua compreensão auditiva e habilidade leitora foram preservadas.

1. Considerações iniciais

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva, desenvolvemos um trabalho voltado para a linguagem oral em funcionamento na Disartria. Para isso, buscamos olhar para a linguagem como algo em construção, uma atividade dinâmica nas interações, e, principalmente, como instrumento de readaptação ao mundo do qual fazemos parte. Essa forma de olhar para a linguagem é comumente observada em meio às patologias de linguagem, quando muitos sujeitos com patologia buscam alternativas para lidar com suas dificuldades. Nesse sentido, a Neurolinguística Discursiva, base teórica-metodológica em que nos apoiamos, acredita e defende a plasticidade cerebral, quando há uma reorganização no funcionamento da linguagem por meio de processos alternativos de significação e pela própria linguagem em uso.

* Bolsista CAPES, discente do Mestrado em Linguística, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

** Bolsista FAPESB, discente do Mestrado em Linguística, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

*** Coordenadora do projeto e orientadora. Professora doutora em Linguística, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB) e lotada no DELL/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900.

De forma geral, os trabalhos voltados para a disartria buscam avaliar esse funcionamento da linguagem com base em questões motoras, ou seja, olham para as dificuldades prosódicas e articulatórias do ponto de vista fisiológico e orgânico, enfatizando apenas a perda decorrente dessa patologia de linguagem, não considerando o valor linguístico presente nos aspectos prosódicos e articulatórios na produção da fala. Por esse motivo, apontamos a importância de olhar para o sujeito disártrico como um sujeito de linguagem, que, apesar de suas dificuldades na fala, também se constitui pessoalmente através da enunciação.

Daí a necessidade de olharmos para além da produção motora na fala disártrica, pois é preciso observar os mecanismos que o sujeito disártrico utiliza para se comunicar e constituir-se como sujeito de linguagem ao colocar a língua em funcionamento. Nesse caso, além de investigarmos sobre a linguagem, é por meio dela que a pesquisa possibilita o retorno do disártrico ao seu convívio social, incluindo-o em situações comunicativas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia.

Nesta pesquisa, adotamos uma concepção de linguagem como atividade constitutiva, vista como lugar de interação humana. Essa concepção postulada por Franchi (1977) diz que:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. (Franchi, 1977/1992, p.31)

2. Metodologia

Para o trabalho que desenvolvemos, utilizamos como metodologia os pressupostos metodológicos da ND. Estes consistem no levantamento bibliográfico relevante para o embasamento teórico que sustenta a pesquisa em desenvolvimento, e também no acompanhamento longitudinal realizado por meio de sessões realizadas uma vez por semana com o sujeito disártrico. O sujeito em questão, RA, foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permanecendo em coma por 27 dias devido a um traumatismo craniano, apresentando, com isso, a disartria como sequela.

Para o acompanhamento longitudinal, selecionamos atividades que têm como objetivo inserir o sujeito disártrico em situações dialógicas que fazem sentido para os que com ele convivem, isto é, em um contexto. Dessa forma, a ND entende o sujeito disártrico como um produtor de discurso, possibilitando que este se insira em práticas verbais, utilizando, também, processos linguísticos de significação para estabelecer a linguagem.

Durante a constituição do *corpus*, gravamos a linguagem em funcionamento em atividades significativas para retirarmos os dados-achados, “[...] produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento [...]” (Coudry, 1996, p. 183). Consideramos esses dados como detalhes, indícios que guardam relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico. Esses dados, segundo a autora, “originam-se de uma prática com a linguagem, e não podem ser inventados.” (Coudry, 1996, p. 182).

Na coleta dos dados, selecionamos textos para leitura, como: fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas, músicas e atividades de jogos. As gravações são realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Para isso, relacionamos teoria e dado através da análise do material coletado.

3. Alterações prosódicas na fala disártrica

É necessário considerarmos a importância de interações que se baseiam em relações discursivas por meio do uso social da linguagem. Nesse sentido, é com base na preocupação em inserir o sujeito com patologias de linguagem em situações discursivas que surgem os estudos em Neurolinguística discursivamente orientada.

A Neurolinguística Discursiva é um campo recente na Linguística e os seus estudos foram iniciados por Maria Irma Handler Coudry (1986/1988). Esse campo da Linguística se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, tendo como objetivo analisar o funcionamento da linguagem de sujeitos que apresentam patologias de linguagem.

De nossa parte, portanto, a relação entre a Linguística é motivada pelo interesse que temos em estudar patologias de linguagem sob uma visão de uma teoria de linguagem discursivamente orientada, a partir da qual princípios protocolares discursivamente informados fundamentam a avaliação de linguagem para provocar a exibição (o que falta e o que excede) de dificuldades linguísticas e de outros sintomas cognitivos relacionados. (Coudry, 1995, p. 13)

A ND apresenta uma concepção de linguagem que dá condições ao sujeito de colocar sua linguagem em funcionamento da melhor forma possível, fazendo ser compreendido por qualquer que seja a sua forma de expressar. Com isso, o sujeito com patologias de linguagem assume o seu papel de sujeito da linguagem, buscando uma forma própria, em meio a suas dificuldades, de se estabelecer como interlocutor.

A ND estuda o funcionamento da linguagem a partir de patologias que interferem nesse funcionamento. Nesse sentido, ela lança mão de conhecimentos de áreas que

contribuem para isso, como a sintaxe, a fonética e a fonologia, a morfologia, os estudos clínicos, dentre outras. Dentre as patologias de linguagem estudadas pela ND, está a disartria, uma seqüela que é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de um distúrbio neuromuscular. Melle (2007) diz que

[...] la disartria es una afectación neurológica del sistema nervioso central y/o periférico que produce dificultades en la programación o la ejecución motora dando lugar a la presencia de alteraciones en el recorrido muscular, la fuerza, el tono, la velocidad y la precisión de los movimientos realizados por la musculatura de los mecanismos que participan en la producción, esto es, en la respiración, la fonación, la articulación y la resonancia. (Melle, 2007, p. 13-14)

A disartria pode ser resultante de um traumatismo craniano, quando há um “deslocamento” do cérebro, causando lesões motoras, em níveis cerebelares, corticais e subcorticais, ou de origem degenerativa. Nesse caso, Lemos (1984) diz que

[...] as sequelas desses traumatismos variam de acordo com a amplitude e a localização das lesões e a capacidade da parte do cérebro, que se manteve intacta, de poder exercer uma ação que possa suprir a deficiência da que foi afetada. (Lemos, 1984, p. 41)

No que diz respeito à linguagem em funcionamento na disartria, essa patologia de linguagem pode causar modificações na respiração, na fonação, na ressonância e na articulação da fala, como apontado por Melle (2007), afetando também aspectos linguísticos. Um outro ponto relacionado a essa patologia diz respeito à prosódia, em que o ritmo na produção da fala pode ser afetado, já que este apresenta um papel fundamental na organização da fala e é por meio dessa organização que o disártrico consegue fazer-se compreendido em situações comunicativas. Nesse sentido, Rodrigues (1989) diz que “acelerar o ritmo da fala equivaleria a aumentar a rotação de um disco, o que diminuiria uniformemente todos os segmentos fonéticos produzidos.” (Rodrigues, 1989, p. 26).

A prosódia é um campo de investigação de interesse da Linguística e, mais especificamente, da Fonética e Fonologia, áreas que, por meio de modelos teóricos, se interessam por compreender a relação da prosódia com a fala e a linguagem e com a língua como um todo.

No que diz respeito aos estudos em prosódia, o termo é comumente tratado dentro dos estudos fonéticos e fonológicos. Atualmente, observa Pacheco (2006), o termo prosódia pode ser abordado em diferentes formas e por diferentes pesquisadores em se tratando dos estudos da fala e da linguagem.

Em uma perspectiva fonética, muitos pesquisadores trazem o termo prosódia observando a sua realização sonora, que, segundo Pacheco (2006), pode ser considerada como sinônimo de traços segmentais, como: *pitch*, tempo, vozeamento, pausa, dentre outros. Essa concepção fonética sobre prosódia está relacionada aos parâmetros acústicos de frequência fundamental (F0), como aponta Pacheco (2006) baseada em Cutler, Dahan, Van Donselaar, (1997).

Em uma perspectiva fonológica, o termo prosódia, de acordo com Pacheco (2006), é visto por alguns estudiosos por meio de uma concepção abstrata, que não tem relação com o enunciado ao ser realizado. Nesse caso, esse termo diz respeito a uma organização hierárquica dos sons das línguas naturais. Pacheco (2006) afirma que essa visão fonológica segue a proposta de Shattuck-Hufnagel e Turk (1996), que observam a organização dos segmentos em constituintes de nível mais alto e o padrão de proeminências relativas a partir desses constituintes.

Pacheco (2006) menciona, referindo-se aos autores Cutler, Dahan, Van Donselaar (1997), uma abordagem intermediária entre a perspectiva fonética e a perspectiva fonológica, ao tratar os estudos em prosódia. Nesse caso, o termo *prosódia* diz respeito a uma estrutura abstrata integrada a determinada realização particular. Do ponto de vista de Shattuck-Hufnagel e Turk (1996), como mostra a autora, a posição intermediária entre as duas perspectivas dentro dos estudos prosódicos, “(...) inclui níveis altos de organização, com suas fronteiras de constituintes e proeminências, e o reflexo dessa organização nos padrões de F0, duração e amplitude, por exemplo, dentro do enunciado.” (Pacheco, 2006, p. 44)

Para a formação dessa hierarquia prosódica, Bisol (2001) apresenta alguns princípios, são eles:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa; ii) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte; iii) os constituintes são estruturas n-árias; iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w). (Bisol, 2001, p. 230-231)

Bisol (2001), baseada na Fonologia Prosódica, apresenta a seguinte organização e definição para os constituintes, desde o nível mais baixo até o nível mais alto: sílaba < pé < palavra fonológica < grupo clítico < frase fonológica < frase entoacional < enunciado.

Com base nos estudos em prosódia, voltamos o nosso olhar para aspectos linguísticos presentes na alteração do ritmo da fala, pois, segundo Cagliari (1992), os elementos

prosódicos não podem ser separados de elementos linguísticos. Dessa forma, devido ao fato de RA apresentar um ritmo acelerado na produção de sua fala, observamos não apenas questões de ordem motora, mas abordamos também o valor linguístico presente na linguagem em funcionamento como um todo na enunciação desse sujeito disártrico, com base em Cagliari (1992).

Como apontado acima, a área mais afetada no funcionamento da linguagem diz respeito à prosódia, e mais especificamente à organização do ritmo da fala nesse funcionamento. Para uma melhor compreensão sobre esse aspecto da linguagem, precisamos observar e compreender os estudos da linguagem que abordam o ritmo como fundamental na organização da língua como um todo.

O ritmo é uma propriedade suprasegmental que, conforme Cagliari, merece mais atenção do que se tem dado até o momento. Esse autor busca descrever essa propriedade suprasegmental apontando suas principais características, pois, segundo ele, “o ritmo é um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares.” (Cagliari, 2007, p. 132)

Ao tratar sobre ritmo devemos considerar dois aspectos intrinsecamente relacionados a ele, tempo e duração. Para a percepção do ritmo ocorre uma repetição de uma unidade rítmica que se desdobra no tempo.

A repetição de certo modo segmenta o contínuo do movimento em pedaços. Esses pedaços ou unidades rítmicas, obviamente, possuem uma certa duração que pode ser medida e controlada pelo observador e, portanto, podem ser comparadas com a expectativa que se tem delas. (Cagliari, 2007, p. 132-3)

Partindo desse princípio de repetição, Cagliari distingue, de modo geral, dois tipos de ritmo: o ritmo fixo, quando ocorre uma repetição constante de um padrão básico; e o ritmo variado, quando ocorre uma sucessão de marcas rítmicas com uma regularidade que não é constante ao longo do tempo.

No que diz respeito aos tipos de línguas quanto ao ritmo, o autor distingue as línguas do tipo silábico (quando as sílabas são pronunciadas com uma duração aproximadamente igual) das línguas do tipo acentual (quando as sílabas acentuadas ocorrem em intervalos de duração aproximadamente iguais). O ritmo, então, pode ser compreendido como variações de unidades equivalentes à extensão da sílaba no decorrer do enunciado.

Vieira (2007) diz que, em condições normais, “A fala tem uma função linguística, de organização do seu discurso e, conseqüentemente, não acontece em qualquer lugar e de qualquer forma: a pausa participa da produção, da percepção e da organização rítmica das mensagens orais.” (Vieira, 2007, p. 22).

Para a investigação prosódica na fala disártrica, observamos três parâmetros, dentre outros, fundamentais para a manutenção do ritmo na fala, são eles:

- A duração que é um parâmetro rítmico relacionado ao tempo gasto na produção de determinado segmento, sílaba ou enunciado, que ora são emitidos por meio de um alongamento ora por meio de redução no tempo de produção, ou como nas palavras de Crystal (2000, p. 89) “é a extensão de tempo envolvida na articulação de um som ou sílaba. A duração absoluta dos sons da fala, até certo ponto depende do tempo global do enunciado.” (Crystal, 2000)
- A velocidade de fala, conforme Cagliari (2002), diz respeito ao “[...] modo mais acelerado ou desacelerado (retardado) de falar em contextos longos.” (Cagliari, 2002, p.27), ou seja, a velocidade com que são produzidos os seguimentos, sílabas ou enunciados.
- A pausa, por sua vez, pode ser definida como a “[...] suspensão da elocução que ocorre, normalmente, na fronteira de constituintes ou segmentos.” (Balieiro Jr, 2001, p. 122). A pausa é usada, em momentos oportunos pelo falante, para a respiração durante a fala. Cagliari (1992) diz que “O uso de pausa ‘fora do esperado’ representa uma hesitação, o que revela uma reorganização do processo de produção da fala [...].” (Cagliari, 1992, p.143) Existe também a pausa estratégica, que, segundo Cagliari (2002), é utilizada pelo falante para retomar e preencher espaço no ritmo.

O que ocorre com a fala de RA é exatamente uma alteração no padrão rítmico na execução das palavras. Isso faz com que as pausas sejam realizadas de forma excessiva e com uma velocidade acima do normal, fazendo com que o interlocutor tenha dificuldades ao se comunicar com ele, como mostram os dados abaixo.

4. O olhar para os dados: uma pequena amostra

Descreveremos abaixo uma pequena amostra do trabalho realizado com um sujeito disártrico, RA. Para isso, coletamos os dados através do acompanhamento longitudinal como procedimento metodológico. O sujeito em questão é RA, 30 anos, vítima de um TCE que deixou como seqüela a disartria, caracterizada, neste caso, por alterações rítmicas na fala desse sujeito.

Quadro 1: Fragrâncias importadas

Contexto: RA e Idp conversam sobre um panfleto de propagandas de fragrâncias originais importadas, distribuídos por uma colega do grupo. RA realiza a leitura, com dificuldades, seguindo o modelo padrão direcionado por Idp.

Início da Leitura:

1'- RA: Empresa / em plena/ <expansão> / procura // <distribuidores> / independentes.*

2'- Idp: Eu vou ler pra você ver qual é o meu ritmo:

Empresa em plena expansão / procura distribuidores independentes.

3'- Idp (aponta o momento em que as pausas deveriam ocorrer)

4'- RA: Empresa em plena expansão / <procura> <distribuidores> <independentes>.

RECORTE

5'- Idp: Então vamos falar essa palavra aqui: distribuidores.

6'- RA: <distribuidores> (pouco legível e com o volume baixo)

7'- Idp: dis...

8'- RA: <dis::tribuidores>, <dis::tribuidores> (a palavra é pronunciada ainda com dificuldades, porém compreensível pelo interlocutor)

9'- Idp: distribuidores... (?) (indicando para RA que é para ele pronunciar a palavra seguinte também).

10'- distribuidores <independentes>, <independentes> (levemente nasalizado)

*Símbolos: (1') indica a linha citada; (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (< >) indica palavra de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Os dados acima demonstram as dificuldades no funcionamento da linguagem de RA, quando o padrão rítmico de sua fala foi alterado. No trecho transcrito, RA pronuncia a frase com um número de pausas (indicado pelas barras) fora do padrão proposto pela língua, isso, em conjunto com suas dificuldades em manter, a depender do contexto, a estrutura silábica, fazendo com que a sua fala se torne incompreensível pelo interlocutor. Porém, a partir do instante em que houve uma indicação do momento em que deveria ocorrer a pausa, RA realiza corretamente o direcionamento proposto por Idp, como indicado nas linhas 2 e 4. No entanto, RA apresenta dificuldades em realizar os segmentos internos nas palavras e também em pronunciar com um volume mais alto, o que faz com que a sua fala saia um pouco nasalizada. Nesse sentido, o sujeito disártrico perde a precisão na produção dos movimentos necessários para a realização dos segmentos. Isso ocorre devido ao fato de RA direcionar a sua atenção ao ritmo correto da frase.

As repetições monitoradas pelo investigador fazem com que RA perceba onde está a sua dificuldade e como reorganizar o ritmo que foi alterado, como ocorre, por exemplo, nas linhas 4 e 8. Esse ritmo acelerado faz com que alguns segmentos sejam produzidos com dificuldades, e até são omitidos a depender do contexto em que estejam inseridos, indicado nas linhas 6 e 8, quando RA pronuncia a palavra distribuidores, omitindo o segmento s no final da primeira sílaba, e o r do encontro

consonantal da segunda . Ao repetir as palavras, RA busca, a cada repetição, encontrar uma forma de superar suas dificuldades, como mostra a linha 8, até que, com a ajuda do mediador, consegue pronunciar melhor os segmentos antes não produzidos.

O quadro abaixo é um recorte do momento inicial da reunião do dia 15-05-12, em que a investigadora não interfere na produção da fala de RA. A observação do dado nos mostra como a fala de RA se torna ininteligível quando ocorre de forma espontânea.

Quadro 2: Sobre o fim de semana

Contexto: Logo no início da reunião Idp e RA conversam sobre o final de semana de RA. Este conta onde passou esses dias.			
Sigla do interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não-verbais
Idp	E aí?		
RA	Bom.		
Idp	Como vai, bem?		
RA	Bem.		
Idp		Risos	
Idp	Como tem passado?		
RA	Bem.		
Idp	Como foi o final de semana?		
RA	Bom/ bom./Sítio/ sítio (palavra ininteligível), fui/ sítio/sítio.	Dificuldade em produzir a primeira sílaba da palavra sítio; ocorre um número excessivo de pausas; produz as palavras com maior velocidade.	
RA	(frase ininteligível)... dormi lá.		
RA	(frase ininteligível) ... só vei (frase ininteligível)		
Idp	E foi bom?	Refere-se ao fato de RA ter ido ao sítio.	
RA	Foi bom/ foi bom	Produz a frase com repetição e velocidade.	
	Recorte		

Idp	Você dormiu lá a semana toda ou só na sexta e sábado ou vários dias?	Ainda não tinha entendido se RA esteve no sítio a semana toda ou só no final de semana, pois ele costumava frequentar o sítio durante a semana.	
RA	Sex::ta/ sexta/sábado (difícil compreensão)	Dificuldade em produzir a palavra sexta; ocorre repetição e excesso de pausas.	
Idp	Sexta e sábado e de sábado para domingo.		
RA	(frase ininteligível)		
Idp	E foi bom?	Refere-se ao fim de semana.	
RA	Oh::!	Risos	
Idp	Divertiu?		
RA	Muito/muito.	repetição	

Os dados apontam alterações no ritmo, o que prejudica a velocidade, o uso correto de pausas, comprometendo consequentemente a estrutura das palavras, quando elas são pronunciadas de forma rápida. Essa velocidade produz em todo momento uma repetição involuntária por parte do sujeito, o que acaba ocasionando em conjunto com as outras alterações uma imprecisão articulatória, uma fala ininteligível e uma difícil compreensão por parte dos ouvintes.

Apesar das dificuldades de RA na produção da fala espontânea, é possível manter o diálogo, permitindo a ele assumir o seu papel de interlocutor. Nesse momento, o investigador participa do processo de reorganização da linguagem, direcionando RA na retomada do diálogo. Dessa forma, por meio do acompanhamento longitudinal, o investigador faz o papel de mediador entre o sujeito disártrico e a sua linguagem.

5. Conclusão

Percebemos, por meio de uma breve abordagem sobre os estudos em prosódia, a relevância desses estudos para a investigação da linguagem. Observamos, também, a importância do ritmo na organização da fala, principalmente quando se trata de alterações rítmicas no funcionamento da linguagem na disartria.

No que diz respeito à análise dos dados, verificamos que o funcionamento da linguagem verbal de RA é caracterizado por alterações rítmicas que interferem na compreensão por parte dos interlocutores. Essas alterações dizem respeito, mais especificamente, ao número e local em que essas pausas acontecem.

Desse modo, os pontos mais afetados na fala de RA são a prosódia, quando são alterados o ritmo, a entonação, a velocidade e o volume; e a articulação dos segmentos, quando são alterados a produção de consoantes e vogais devido ao aumento de velocidade que faz com que haja alteração na duração da produção desses segmentos.

Neste estudo, o investigador atua como mediador, ajudando o sujeito disártrico a reorganizar a sua linguagem, apontando as “desordens”, os desvios, e possibilitando ao sujeito disártrico caminhos para lidar com suas dificuldades na retomada da ordem. Mas é preciso considerar que o sujeito precisa de um esforço próprio, ter força de vontade, pois parte dessa retomada ocorre pelo esforço do sujeito em buscar, em meio às suas dificuldades, superar os desafios.

Assim, o investigador orienta, corrige, direciona, cobra, pois, apesar das dificuldades de RA na produção da fala, acreditamos ser possível manter o diálogo, permitindo a ele assumir o seu papel de interlocutor e dando-o a possibilidade de reformulações.

Referências

- BISOL, L. Os Constituintes Prosódicos. In: Bisol, L. (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª edição, Porto Alegre: Edipucrs, 229-241, 2001.
- CAGLIARI, L.C. *Prosódia: Algumas Funções dos Supra-segmentos*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v.23, p 137-151, 1992.
- _____. L. C. *Dossiê Prosódia*. 2002.
- _____. L. C. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- _____. L. C. Prosódia: ontem e hoje. In: Maria da Conceição Fonseca-Silva; Vera Pacheco; Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (Org). *Em torno da língua(gem): questões e análises*. Vitória da Conquista: Edições UESB, p. 15-40, 2007.
- COUDRY, M.I.H. & POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 5. Campinas: IEL/UNICAMP, 1983, p. 99-109.
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Edição consultada: 2001)
- _____. Neurolinguística e linguística. In: DAMASCENO, B.P. & COUNTRY, M.I.H. (Org.) *Temas em neuropsicologia*. São Paulo: TecArt, 1995. (Série de neuropsicologia; v.4).
- _____. O que é o dado em neurolinguística? In: CASTRO, M.F.P. (Org.) *O método e o dado no estudo da linguagem* - Campinas, SP: Editora da Unicamp, (Coleção repertórios), 1996, p. 179-184.

- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FRANCHI, C. (1977) *Linguagem – atividade constitutiva*. Cadernos de Estudos Linguísticos, 22, Jan./Jun. Campinas: IEL/Unicamp, 1992, p. 9-39.
- LEMOS, D. C. H. *Disartria*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1984.
- MELLE, N. *Guía de intervención logopédica em la disartria*. Madrid: Editorial Sintesis, 2007, p.13-14.
- PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção de marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- RODRIGUES, Norberto. *Neurolinguística dos distúrbios da fala*. São Paulo: Cortez: EDUC, 1989, p. 219.
- VIEIRA, J.M. *Para um estudo da estruturação rítmica na fala disártrica*. Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007.